

Mulheres prostitutas nos discursos médico, jurista e religioso na imprensa cratense (1940-1950)

Ravenna Rodrigues Cardoso

Resumo

No presente trabalho foi apresentado e problematizado como as mulheres prostitutas foram representadas pela imprensa católica de Crato, interior do Estado do Ceará. Os dois periódicos que foram utilizados são o jornal *A Ação* e *Ecos da semana: órgão da união dos estudantes de Crato*, o primeiro era organizado pela Diocese da cidade, ao passo que o segundo era organizado pelos estudantes do colégio Diocesano de Crato. O recorte temporal foi demarcado abrangendo as décadas de 40 e 50 do século XX. Os conceitos principais que nortearam esse trabalho foi o de *Pânico Moral* (COHEN) e *Estigma* (Goffman). Para além das reflexões que cercam o discurso religioso dada a orientação católica dos periódicos também nos debruçamos sobre o discurso médico-jurista dos preceitos da escola positiva, mais precisamente das ideias Lombrosianas.

Palavras-Chave: Imprensa; discurso, prostitutas.

Women prostitutes in the medical, legal and religious discourses of the cratense press (1940-1950)

Abstract

This paper presented and discussed how female prostitutes were represented by the Catholic press in Crato, in the interior of the state of Ceará. The two periodicals used were the newspaper *A Ação* and *Ecos da semana: órgão da união dos estudantes de Crato* (Echoes of the Week: Organ of the Crato Student Union). The former was organized by the city's diocese, while the latter was organized by students from the Diocesan College of Crato. The time frame covered the 1940s and 1950s. The main

concepts that guided this work were Moral Panic (COHEN) and Stigma (Goffman). In addition to the reflections surrounding religious discourse given the Catholic orientation of the periodicals, we also focused on the medical-legal discourse of the precepts of the positive school, more precisely Lombrosian ideas.

Keywords: Press; speech; prostitutes.

Texto integral

Introdução

Ao longo dos tempos, o corpo feminino se constituiu como um dos principais ‘objetos’¹ de estudo de vários campos das ciências, sobretudo da Medicina e da Criminologia. As finalidades eram diversas, desde a produção de saber, de verdades, até a prática do controle dos corpos, das punições etc. As práticas médicas se consolidaram no século XIX, pelo menos um novo paradigma da existência delas, que é o que compreendemos como o saber científico. Não à toa inserido no mesmo contexto histórico da formação da sociedade capitalista- ocidental-e tendo em seu interior o intuito de medicalização dos corpos.

A prostituição, o que investigamos neste trabalho esteve na esteira das preocupações de médicos, religiosos, juristas e, como mostraremos através da imprensa, de articulistas de diversos periódicos no Brasil. No caso deste trabalho utilizaremos dois periódicos de orientação católica para analisar os discursos sobre a prática da prostituição e das prostitutas fosse no saber médico, jurista ou simplesmente no que era circulado na imprensa a respeito do tema. O nosso recorte espacial é a cidade do

¹ Para se ter um efeito elucidativo, optamos por usar a palavra objeto no sentido como foi percebido pelos ramos das ciências e enfatizamos que na nossa compreensão as mulheres são sujeitas históricas, e o objeto de pesquisa em torno delas são as relações que permeiam as vidas e lutas, desventuras e conquistas.

Crato, localizada na região do Cariri cearense. E o nosso recorte temporal compreendem as décadas de 1940-1950.

Os conceitos principais que nortearam esse trabalho foi o de Pânico Moral (Cohen) e Estigma (Goffman). Para além das reflexões que cercam o discurso religioso dada a orientação católica dos periódicos também nos debruçamos sobre o discurso médico-jurista dos preceitos da escola positiva, mais precisamente das ideias Lombrosianas. O trabalho encontra-se dividido em dois momentos, em um primeiro momento foi analisado a posição do jornal *A Ação e Ecos da semana* no cotidiano das mulheres e da prostituição, em como esse se portava diante do assunto e como se reconhecia como o agente propagador da ordem e da moralidade. No segundo momento analisaremos como as teorias da escola positiva estiveram presentes na imprensa também no tocante a prostituição, em como as ideias criminológicas encontraram campo fértil na imprensa cratense mesmo após a decadência das ideias de Cesare Lombroso no Velho Mundo.

“Uma brecha no tecido dos dias”: o cotidiano da prostituição na imprensa de Crato

Em 1942, em Crato, a Diocese publicou o texto integral e em uma área consideravelmente maior e mais visível que o comum para outros textos, essa matéria era as: “Normas Da Santa Sé Sobre A Moda Feminina”. Tratava-se de instruções da Sagrada Congregação do Concílio contra as modas imodestas femininas, consideradas pelos clérigos como um “monumentoso documento a ser conhecido pelos pais de família”. O episcopado nacional inseriu no *Concilium Plenarium Brasiliense* o referido documento em apêndice XX, em que consta, entre outras orientações que:

O nosso santíssimo Padre o Papa Pio XI, em virtude do Supremo Apostolado que divinamente exerce em toda Igreja, não tem cessado, por palavras e em seus escritos de inculcar aquela frase de S. Paulo (I, Tim, II, 9-10) A saber: “as mulheres apresentam-se com vestidos decorosos, ataviando-se com pudor e modéstia, e... de modo que convém às mulheres que fazem profissão de piedade, com boas obras”. Em ocasiões oportunas, o mesmo Sumo Pontífice tem reprovado repetidas vezes e com a maior energia condenando o modo

de trajar deshonesto(sic) que se tornou agora moda comum até entre senhoras católicas, o qual ofende não somente o decoro e a graça feminina, mas ainda constitue dano temporal para as próprias senhoras, infelizmente, e, o que é pior(sic), redundando em ruína delas e dos outros. (A Ação, 25 out. 1942, p.2).

Embora, a publicação esteja direcionando as normas de vestimenta para as senhoras católicas, a ênfase é posta num sentido comparativo de desvio que vai contra as normas. Mesmo as mulheres consideradas honradas precisavam seguir um padrão de vestimenta imposta pela sociedade. Caso não, elas também seriam vistas negativamente e, em consequência, desonrariam suas respectivas famílias, assim como a Igreja Católica.

Sabemos que era repassado às mulheres-esposas-mães a função de carregar a honra da família. Essa honra estava, inclusive, presente em um bem jurídico tutelado pelo Código Penal nos chamados “*Crimes Contra os Costumes*”. Além disso, havia outras publicações que denunciavam o uso de batons e perfumes por parte das mulheres honradas com vistas a essas não se confundirem com as “mulheres alegres”². Como já mencionado, algumas atividades eram expostas como corrosivas. Aqui vamos dar destaque ao trato sobre o cinema e as recomendações e posicionamentos dos articulistas dos jornais para o público leitor de Crato e consumidor da cinematografia:

O simples fato de **rameiras vadias se nivelarem nas cadeiras de cinema com as nossas honradas famílias** já denuncia o zelo dos empresários cinematográficos locais pela moral familiar, bem como a insensibilidade moral de quantos se acomodam a esse desditoso conluio. Está em cartaz, agora, o filme GILDA. **Porque descreve cenas de alcova, exaltando o meretrício**, vai melhorar as finanças de empresários... com a avultada renda dos aficionados da lubricidade. O cinema, em vez de ser entre nós, uma escola superior de formação social, nunca dissociada da moral, passa a ser uma escola de perversão com o seu elenco de histórias incendidas de amores criminosos. É sabido o mal que os maus filmes produzem na alma. **Por glorificarem os vícios e as paixões, são ocasiões de pecado; arrastam a mocidade para o caminho do pecado**; revelam a vida de um falso prisma; **ofuscam o ideal**; destroem o amor puro; o respeito devido ao casamento; as íntimas relações do convívio doméstico. (A Ação, 18 abr. 1948, p. 1, grifo nosso).

² Uma denominação usada, dentre tantas outras, para se referir às mulheres prostitutas.

Uma questão a ser observada é com relação aos usos dos espaços de sociabilidade. Isso fica evidente nessa matéria redigida pelo Padre Pedro Rocha de Oliveira. São duas condenações expressas nesse trecho. Em primeiro lugar, a insistência de tangenciar as mulheres de vida pública de uma proximidade em termos de convivência com outros populares. Conforme o padre, o simples fato de sentarem-se lado a lado já se configurava como uma afronta à sociedade cratense de então ao fazerem isso, estariam se “nivelando”, não no sentido somente da posição ocupada nas cadeiras de cinema, mas no sentido moral do modo de vida, o que era inaceitável para o redator. Ou seja, sentar-se ao lado dessas mulheres era assemelhar-se a elas, por isso, não era recomendado. Em segundo lugar, existiu a tentativa de censura de filmes, que na visão do padre, era inapropriado porque “descreve cenas de alcova, exaltando o meretrício”.

A tentativa de barrar exhibições de alguns filmes chegou a ocupar uma coluna do periódico, que listou o que era condenável de se assistir. É interessante perceber que quem escrevia assistia aos filmes para então filtrar, ou recebia de espectadores que após terem visto relatavam o motivo de não ser apto de ser exibido para a população. As produções tinham uma espécie de “sinopse” com vistas a explicar o motivo de ser inapropriados. Esse resumo nem sempre condizia com a trama do filme. A descrição do filme Gilda, por exemplo, não faz jus a descrição do padre. Importante atentarmos para que o narrador se trata de um indivíduo que possui valores morais enrijecidos, talvez em razão de sua profissão. Portanto, deve-se considerar que pode haver um certo exagero na sua fala.

O padre Pedro Rocha sabia da influência que o cinema tinha na sociedade. Assim, reconheceu esse potencial ao lamentar que ao invés de ser uma escola de formação social, o cinema estava servindo para exibição de cenas que “glorificavam” os vícios, sendo esses, justamente, os que eram condenáveis pela religião católica. As ocasiões de pecado a que se refere o padre, sobretudo quando se fala do casamento e da ofuscação do amor puro. Diante disso, certamente remete-se ao papel de Gilda, a qual é uma mulher sedutora no filme e que se casa mais de uma vez. Para os preceitos

da religião católica, isso era visto como inapropriado para as senhoras cratenses, talvez pelo terror que causou em parte dos espectadores conservadores. O casamento indissolúvel, a honestidade e o recato eram importantes valores para parte da sociedade da época, especialmente para os clérigos que orientavam a mocidade católica local. Voltando para os passeios, havia a vigilância em variados espaços, como nos banhos de rio que cortavam parte da cidade. Em protesto sobre os trajes femininos e o “descaso”, um articulista do *A Ação* disparou — de forma anônima e com título “Sem endereço” — um artigo que narra:

Nessa semana que findou, bem perto da Ponte Velha que leva á ladeira do Seminário, **pessoa absolutamente idônea teve que mudar de vista para não deparar-se com uma mulher banhando-se, em pleno dia, nos trajes menores das estátuas gregas.** Um pouco mais adiante da ponte velha, quando o Rio faz curva, com altas ribanceiras, **ai a imoralidade pública campeia, sem punição, denunciando dolorosamente o abandono do Crato,** sob o aspecto da moralidade. Um antro de promiscuidade dos nossos costumes. Um atestado eloquente de que não há autoridade policial interessada em zelar pelo patrimônio moral da cidade. [...] **não vale a pena apelar para a autoridade policial. E como são repetidas as queixas que nos chegam a respeito, para não desprezar os pedidos de protestos formulados por particulares contra os aberrantes crimes de moral pública,** consignamos, nestas linhas, o mais veemente protesto contra esse desrespeito ao pudor da nossa gente, protesto que, por falta de destinatário, **vai sem endereço.** (*A Ação*, 27 abr. 1947, p.1, grifo nosso).

Temos nisso muito mais a questão moral do que qualquer outra, embora andassem lado a lado. Quando o reclamante afirma que pessoa honesta teve que mudar de vista, reivindica o direito aos espaços da cidade, no mesmo sentido de quando manifestado com relação à habitação e o local de diversão espalhado pelo local. Com isso, podemos pensar que, diferente do que se bradava nos jornais sobre a localização, a questão não se encerrava somente nisso. Mesmo que na matéria citada não se trate de uma meretriz — pelo menos não é mencionado — concluímos que a preocupação era com o corpo feminino e sua presença na totalidade.

A questão moral é evocada colocando a situação em dois polos: o de pessoa idônea que teve de se retirar e o de uma mulher tomando banho “com roupas menores

que a das estátuas gregas”. O articulista não hesita em solicitar punição para outras situações na mesma “caminhada” pela cidade. O policiamento da cidade podia ser feito por qualquer cidadão? Aparentemente, sim, desde que considerado “idôneo”. Com tom de sátira, o escritor da matéria, desde o título ao final, chama atenção ao descaso, por falta de destinatário para o endereço, esse se estende a todo leitor, para que vigie e se incomode com o “antro de promiscuidade” e coisas do tipo.

As matérias narradas nas páginas dos jornais que abordam farras em zona de prostituição, crimes, sobre o que está sendo exibido no cinema e com relação às condutas dos sujeitos, etc., são textos carregados de *pânico moral*. Para Carla Machado (2004, p. 61), o *pânico moral* opera, principalmente, em “pessoa ou grupo de pessoas que emerge para ser definido como uma ameaça aos valores e interesses sociais, a sua natureza é apresentada de uma maneira estilizada e estereotípica pelos *mass media*³; barricadas morais são fortalecidas.”

No incurso das narrativas que carregam essa criação de um medo coletivo encontram-se dispostos todas as ações e sujeitos que eram tidos como socialmente desregrados ou potencialmente ameaçadores da ordem, assim como códigos para costumes saudáveis e a manutenção do meio social higiênico. Além da prática de prostituição, nessa seara de assuntos que ameaçam a vida “regular” estavam também tudo o que se considerava como práticas viciosas, por exemplo. Os variados vícios, que na visão de alguns sujeitos da época – como o padre Rocha —, estavam, em conjunto, levando a cidade para um caminho de erros, eram comumente atribuídos às camadas populares, embora o tom dos textos sempre trazia uma mensagem de haver pessoas pobres de boa índole que não se corrompiam. Por esse mesmo motivo precisavam de proteção. Os vícios como a bebedeira, a jogatina, o não-trabalho e a prostituição eram percebidos como inimigos a serem combatidos por ser considerados potenciais agentes de desordem. A imprensa constantemente fazia essas cobranças:

³ Refere-se ao o conjunto dos meios de comunicação de massa, que é muito importante para disseminação do pânico moral.

Esta é a nossa pergunta, **no instante em que a patifaria do baixo meretrício do Barro Vermelho toma proporções absurdas num ultraje direto á dignidade das famílias cratenses**. Dará a nossa polícia informe, da noitada genuinamente escandalosa de sábado, dia 15, onde expressões de cunho totalmente pornográfico, rompiam as caladas da noite, penetrando de cheio nos Lares onde nao predomina o sarcasmo crônica da ralé venérea dos lupanares? Talvez, nao. **A polícia do Crato, conserva os olhos vendados ante as afrontas e os alaridos perpetrados pelas phryneas de sargeta.** (*Ecos da Semana*, 23 jan. 1949. p.1, N-48, grifo nosso)

Os articulistas já deixam nítido do reclame que se trata de “baixo meretrício” e argumentavam que as famílias que ali residem, apesar de humildes — posto que o referido bairro se trata de uma área periférica da cidade, como posto em algumas matérias — merecem respeito e auxílio contra “a ralé venérea dos lupanares” que promoviam à noite escândalo que extrapolava para fora do ambiente onde estavam, causando desconfortos aos moradores.

“É mais um produto atávico da miscigenação dos sangues mãos”: A influência da criminologia no discurso jurídico e na imprensa cratense

A mulher, em si tão pouco criminosa, é a verdadeira instigadora do crime. “Procurem a mulher”, dizem em coro Lombroso e Joly.⁴

O trecho selecionado para adentrarmos na discussão do papel da criminologia é citado pela historiadora Michele Perrot, em sua obra *Os excluídos da História* (1988). A intenção é exemplificar que, por vezes, não tendo cometido algum crime, a mulher era vista como o pivô dos crimes cometidos pelos homens. Isso foi propagado pelos grandes nomes da criminologia. Para a historiadora, a imagem feminina é propagada recorrentemente nesse meio como uma potência sedutora. O interesse em colocar as mulheres em um lugar que necessita de “vigilância e controle” perpassa vários campos dos saberes. De acordo com Perrot (1988, p.185): “Elas modularam a aula inaugural do

⁴ PERROT, Michele. *Os excluídos da história*. São Paulo: Paz e Terra, 1988. p. 168.

Gênesis, que apresenta a potência sedutora de Eva. A mulher, origem do mal e da infelicidade, potência noturna, força das sombras, rainha da noite, oposta ao homem, diurno e da ordem da razão lúcida. ”

Os vários enigmas que as mulheres e seus corpos despertavam nos diversos campos dos saberes produziram teorias sobre a sexualidade, a vocação materna, a fragilidade, a insanidade e até mesmo a tendência à criminalidade e à prostituição. Importante elucidarmos que o “enigma” mencionado se refere à vontade de produção do conhecimento a respeito dos corpos das mulheres com finalidade de controle, bem como a correção e a punição do que era entendido pelos estudiosos como sendo do campo da anormalidade, ou seja, os desvios.

Os aspectos de uma boa feminilidade, em outras palavras, a do campo da normalidade e da regra, foram sedimentados, em grande medida, pela influência das teorias oriundas da criminologia e do campo da religião, bem como da medicina. Nesse primeiro momento, iremos nos deter na influência da criminologia e em como essa atuou no que diz respeito à mulher prostituta e a prostituição, assim como em outros assuntos que estavam ligados ao pensamento da Escola Positiva. Ao longo do tempo, vários grupos de intelectuais se reuniram em torno do que hoje conhecemos como Escolas Penais. Em uma definição mais geral, temos que:

As escolas penais são concentrações de ideias por alguns estudiosos no setor de Direito Penal, são doutrinas baseadas em fundamentos de várias naturezas e tem como objetivo compreender o fenômeno do crime, bem como do sistema penal. As escolas penais são divididas em: Clássica e Positiva, elas são as únicas que possuem posicionamentos bem fundamentados de modo que essas seriam as escolas puras. Existem também outras escolas, porém são classificadas como intermediárias, não ortodoxas, são elas: terza scuola, escola moderna alemã, escola técnico-jurídica, escola correcionalista e movimento de defesa social. (Bezerra et al., 2021 p.79).

Diante disso, cada escola penal construiu seus respectivos conjuntos de conceitos jurídicos e seus métodos para assegurar suas ideias e conceitos. Dentre essas escolas, temos um dever de nos debruçarmos mais detidamente sobre os conceitos e

pressupostos da Escola Positiva, por ser nela que encontraremos um dos nomes mais fortes sobre as sujeitas históricas o foco desse trabalho, as mulheres prostitutas.

Ao estudar as mulheres, as questões levantadas pelos estudiosos da Escola Positiva são similares as que fundamentaram os estudos do homem delinquente. Isso quer dizer que foram buscar consolidar o que eles chamaram de teoria atávica. O atavismo foi explicado como sendo um retrocesso na evolução, ou seja, uma pessoa atávica seria aquela que não se desenvolveu no mesmo ritmo que as demais. Dessa forma, a teoria atávica conforma a noção de haver uma herança primitiva nas características biológicas que tenderiam a tornar o sujeito delinquente.

Diferente do homem delinquente, as mulheres, para Lombroso (2019), eram passivas e fisiologicamente inertes. Isso o levou a defender a ideia de que o sujeito feminino teria maior adaptação e obediência às leis que os homens. Portanto, segundo o médico psiquiatra, as mulheres com maior grau de periculosidade eram as que “se comportavam como homens”; não à toa ele incluiu as mulheres lésbicas em suas teorias no intento de categorizar como anormal e mensurar o grau de tendência para a delinquência. Isso de forma nenhuma isenta a ideia do perigo próprio de um feminino “desviante”, sem as características observadas nas lésbicas.

No periódico *A Ação*, sob influências dos pressupostos da Escola Positiva, em uma matéria sobre o recato feminino e a austeridade paterna, o articulista alertava que “[...] cresce dia a dia a tendência na ala feminina para a masculinização da mulher” (*A Ação*, 19 set. 1943, p.1). Isso posto, podemos enveredar por dois aspectos que emanam para nós a partir dessa passagem. Em primeiro lugar, o risco de uma “masculinização” da mulher estaria ligado à crescente presença feminina em salões de dança, na cidade e em busca de oportunidades de emprego no espaço público. Portanto, isso não era visto com bons olhos porque os homens perderiam lugar para as mulheres. Em segundo lugar, encaminhamos a linha de raciocínio para o risco que se sentia, como apontado por Cesare Lombroso (2019), de que as mulheres que “se comportavam como homens” eram perigosas. Sobre esse aspecto, podemos fazer uma dupla reflexão, pois o risco

dessa masculinização tão temida não parece estar somente ligado à sexualidade, mas a elementos da vida como a sociabilidade e as oportunidades de trabalho.

Para Lombroso (2019), um dos problemas das mulheres era serem sujeitas desprovidas de moralidade. Por esse mesmo motivo, elas seriam mais calculistas e sedutoras. Dessa forma, isso as levaria ao ato da prostituição. Embora muitas escolas penais tenham desenvolvido teorias criminológicas, Lombroso e Ferrero (2017) acabaram tendo maior peso no que se refere especificamente à mulher prostituta. Em conjunto, eles escreveram, na Itália, em 1893, a obra *A mulher delinquente: A prostituta e a mulher normal*, a obra faz distinção entre essas categorias de mulheres, sendo a prostituta compreendida como uma degeneração da mulher normal.

A partir de características físicas e comportamentais, eles formularam teorias que seriam “determinantes” para ter propensão a tornar-se prostituta, como a dimensão do quadril, do crânio e outras características comportamentais como a risada, o deboche, a voz rouca. Essas avaliações pregavam notadamente um determinismo. Para cada tipo de delito existia um tipo específico de criminoso, que partilhava as características que levavam ao ato infracional e a catalogação da degeneração. Considera-se uma ótima definição a que foi dada por Daniel Faria (2017, p.161): “[...] o que a sociologia criminal e a criminologia positivista têm de mais decisivo é o deslocamento do foco da questão do ato criminoso em si para a personalidade daquele que comete o crime”. Uma das diferenças cruciais entre a Escola Clássica e a Positiva, estava exatamente neste elemento.

Para a criminologia clássica, que antecede a criminologia positivista, o cerne do debate e das formulações residia na compreensão do ato criminal perpetrado, com vistas a avaliar o seu potencial de gravidade para que fosse definida a punição correlata ao crime cometido. Diferentemente da Escola Positiva, na qual o foco passa a ancorar-se no sujeito e na sua predisposição à criminalidade.

Segundo Martins (1999, p.186), o “pensamento criminológico positivista vai buscar as causas da criminalidade, entendida como uma entidade ontológica e pré-

constituída, fenômeno de um comportamento desviante inerente a determinados indivíduos”.

Devemos apontar que a “gênese” dessas concepções jurídicas e tudo que as envolve surgem na Europa no final do século XIX. Porém, essas ideias cruzaram o Atlântico e foram bem recebidas e difundidas em outros continentes, chegando à América e conseqüentemente ao Brasil. De acordo com Marcos César Alvarez (2002, p.684):

O fato de a antropologia criminal ter ganho impulso na América Latina no momento em que entrava em decadência no continente europeu deve ter facilitado o reconhecimento internacional dos autores que, no Brasil, se fizeram discípulos das novas teorias, pois, se Lombroso e seus seguidores já não encontravam a mesma receptividade para suas ideias no cenário europeu, podiam encontrar na América Latina e, especificamente, no Brasil grande número de entusiastas dispostos a divulgar as principais ideias do pai da antropologia criminal e de seus correligionários. As recepções das teorias da Escola Positiva encontraram solo fértil no Brasil, em projetos de cunho, principalmente, higiênico. Portanto, é válido situarmos a análise das ideias que cruzam o Atlântico e são elaboradas no Brasil pelos médicos e juristas dentro do terreno da história conectada.

Para José D'Assunção Barros (2019, p.11) As histórias conectadas, ou “histórias interconectadas”, surgiram nesse mesmo grande movimento que se constitui em torno da sugestão de favorecer a ultrapassagem das fronteiras historiográficas artificiais. Não constituem necessariamente “histórias transnacionais”, embora frequentemente também o sejam, no sentido que o historiador é quem define o que está conectado. Por outro lado, certos objetos e problemas históricos, demandam a combinação entre história conectada e história transnacional. Posto isso, ao incorporarmos ao debate a recepção, circulação e (re) elaboração de ideias que cruzam o Atlântico e vão encontrar solo fértil no Brasil, podemos nos apropriar desses elementos que a história conectada fornece.

É válido mencionar, que essas teorias que fizeram parte dos processos de higienismos sociais no Brasil discutiam outros temas, ou seja, há na transposição atlântica

de ideias uma interseccionalidade para a análise historiográfica. Diante disso, ao pensarmos nas questões de imigração que estavam pautadas em projetos de “melhoramento da raça”, ou mesmo no de costumes e relações de gênero, como nos comportamentos femininos que foram fortemente influenciados pela medicina e pelos contratos jurídicos como casamento. Sendo assim, todos frutos da circulação de ideias transnacionais que, obviamente, se modificam em cada localidade, mas ainda assim fruto de circulação.

Notamos essa influência de ideias da Escola Positiva no periódico *Écos da Semana: órgão da união dos estudantes de Crato*. Esse jornal foi idealizado pelos estudantes do Colégio Diocesano e circulou por pouco mais de dois anos na cidade. Nesse periódico, o Doutor Jeser Oliveira, médico formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, constantemente invocava em seus textos para o povo cratense, se justificando com base nas ideias dessa escola. Em um artigo intitulado CRIME o médico escreve que:

Sabemos todos que **o criminoso é um tarado incapaz de frenar as tendências inatas delictuosas. Não vem ao caso para em um jornal informativo citar Cesare Lombroso, Garafolo, Ferri, Tardi e quantos mais entre os fundadores da escola positiva da criminologia.** O que cumpre é dizer ao povo é que o crime é o maior atentado ao direito de existência, e que o criminoso não é propriamente um louco, e sim, quando muito, um fronteiriço. **E’ figura detestável nos meios asseados, onde quem dirige é o espírito com elevado teor de compreensão.** As inclinações para o delicto são inatas. Mas o indivíduo em seu estado normal, domina ou recalca sem sacrifício os seus impulsos criminaes. Heis aí o que se pode chamar de ameaça constante á sociedades. [...] N’este sentido é que desejamos fazer um apelo ao Exmo Snr. Governador do Estado, ao D.D chefe de polícia e ao honrado Snr. Prefeito Municipal, para que voltem suas vistas para o Crato e livrem o grande município e a principal cidade do interior do Ceará das garras do facinorismo destruidor. (*Écos da Semana*, 1948, p. 5, grifo nosso).

Os argumentos utilizados pelo médico Jeser Oliveira são notadamente imbuídos de influências da Escola Positiva. Com misto de intelectual que mostra saber fundamentadamente na referida escola — ao mesmo tempo, em tom modesto para que o leitor desatento ou menos instruído não fique totalmente alheio aos seus argumentos —, ele proclama que não caberia citar, embora cite os maiores nomes da antropologia

criminal, e na sequência desenvolve uma forma como a própria teoria lombrosiana vai sendo explicada para os leitores, a ponto de diferenciar, por exemplo, o criminoso nato do louco. Nas classificações de Lombroso (2019), apresentam-se os seis tipos de criminosos: o nato, o louco moral, o epiléptico, o louco, o ocasional e o passional.

Destarte, ao falar em criminoso e no louco como um fronteiroço, o médico Jeser Oliveira denota bastante apropriação e concordância com tais teorias. Primeiramente porque na teoria lombrosiana essa diferença entre o louco e o criminoso existe, e em segundo lugar, porque após exemplificar com estes tipos — ele não se contrapõe a nada —, usa as teses de Lombroso (2019), exatamente por acreditar nas mesmas.

No que tange à categorização das mulheres, Lombroso (2019) elencou que se encontravam: a criminosa nata, criminosas ocasionais, as suicidas, as lunáticas, as moralmente insanas, as histéricas e as criminosas da paixão. Podemos vislumbrar influência dessas teorias também em publicações do jornal *A Ação*, que era idealizado pela Diocese de Crato. Em publicação quinzenal, em vinte e três de setembro de 1951, em número de edição 513, o padre Pedro Rocha de Oliveira alertava que as prostitutas eram mulheres:

Audaciosas e provocantes, infestando a vizinhança de lares honrados, zombam e ridicularizam a quantos erguem seus justos reclamos contra tamanha perversão moral e social. Paralelo ao libertarismo de meretrício, avolumando um cortejo de vícios. **Multiplicam-se os casos de desonras, perpetrados por vezes, sob influxo do exemplo das marafonas.** O cancro moral está cavando a ruína de nossa sociedade. (*A Ação*, 23 set. 1951, p.1).

Notadamente o imaginário dos articulistas do periódico cratense era povoado pela ideia de que as mulheres prostitutas eram portadoras de um poder de sedução e uma audácia que as diferenciava do modelo feminino recatado. De acordo com Contardo Calligaris (2005, p.7), “há um sistema de divisão binário entre as mulheres, a prostituta e a do lar, amplamente alimentado pela sociedade para reforçar estereótipos”. Na mesma linha de pensamento, Ana Carolina Schmidt Ferrão (2017, p.6) aponta que

“a prostituta é o arcabouço dos estereótipos. Essa inferiorização demasiadamente acentuada, além do estereótipo, cumpre uma função social de controle e opressão sobre outras mulheres”.

É exatamente isso que se encontra expresso na passagem do periódico, percorrendo-se a linha da inferioridade evocada no discurso de cunho moralista quando se usam adjetivos como “audaciosas”, “provocantes” e que zombam e levam ao ridículo a reputação das famílias honradas das adjacências. Não podemos perder de vista as operações históricas e sociais que levam a essa categorização de grupos específicos de sujeitos sociais, movidos tanto pelos costumes e valores da época, como pelo que se conhece como sendo a “ciência” do período.

Obviamente o estigma que a mulher prostituta carrega não foi e nem, é algo que surgiu do nada. Para que se esbarre em adjetivações e estereótipos que constituem essa estigmatização, foi necessária uma rede de “saberes e dizeres” sobre essa identidade. Muito nos é útil a declaração de Erving Goffman (1988) no que tange ao estigma. Segundo o sociólogo, o estigma é definido por ser uma marca profundamente depreciativa que emana conforme o conjunto de linguagem e de relações já estabelecidas. Goffman (1988, p.17) diz que a noção de estigma “é compreendida como um atributo que implica desvalorização, inferioridade e situa a pessoa em uma posição de desvantagem”. A vergonha se torna uma possibilidade central, que surge quando o indivíduo percebe que um dos seus próprios atributos é impuro e pode imaginar-se como um portador dele.

Se a marca que alguns sujeitos carregam do ponto de vista do preconceito é o que se encontra mais enraizado no corpo social, não podemos desacreditar que o estigma que marca a prostituta tenha como agravante teorias que, com o status de cientificidade, tenham elaborado um conjunto de saberes que induz ao estigma sobre sua sexualidade e tudo que a cerca.

Dessa maneira, essas formulações estigmatizaram determinados corpos e identidades ao longo dos tempos tendo por base molecular as próprias relações de

poder. Quanto às características de um indivíduo que possui algum estigma, Goffman (1988) propõe três tipos, a saber: a culpa de caráter individual, as abominações do corpo e os estigmas tribais de raça.

No caso das prostitutas, o estigma em sua identidade social está intrinsecamente ligado ao primeiro tipo, o que é bem perceptível quando vemos as adjetivações e os enunciados sobre elas, tanto nos processos como nos jornais. Segundo Silva (2011), a atuação da prostituta está relacionada à negação do papel reprodutor da mulher, pois está inscrita no lugar de gozo sexual e atua no anonimato das ruas, longe das questões familiares. Se a atuação da prostituição se liga à ideia de negação do papel reprodutor feminino, decerto, esse é um dos pontos centrais onde o aspecto religioso adentra ao debate. Na concepção cristã, o corpo feminino é entendido como um receptáculo para procriação. A presença da prostituta deve ser controlada, porém, não banida.

Considerações Finais

Os discursos dos periódicos analisados nesse trabalho apresentou, tanto pela orientação católica como pela época enunciados que visava o controle dos corpos femininos e, além disso a moralidade foi um importante fio condutor por estar intimamente ligada tanto a religião como os costumes de uma sociedade notadamente moralista — mesmo que falsamente por vezes — assim, temos que os jornais foi e é uma forma de disseminar narrativas e pânico moral para determinados assuntos e pessoas, como foi o caso da prostituição em Crato no século XX. Essa temática ainda tem um imenso potencial e nuances a ser problematizados e, gostaria de elucidar que faz parte de uma pesquisa maior e em continuação.

Referências e fontes

Barros, José D'Assunção. *Histórias interconectadas, histórias cruzadas, abordagens transnacionais e outras histórias*. **Secuencia**, México, n. 103, e1528, abr. 2019. Disponível em http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0186-03482019000100105&lng=es&nrm=iso. Epub 01-Ene-2019.

<https://doi.org/10.18234/secuencia.v0i103.1528>.

Bezerra, Beatriz A.; Silva, Heloisa A. de S.; sokolowski, Luis F.; FAVERO, Lucas H. **A influência das escolas penais no direito penal brasileiro**. In: Jornada Integrada de Direito & Ciências Contábeis do Centro Universitário FAG, p.77-82. Disponível em: <<https://www.fag.edu.br/upload/revista/jinteg/5db82d710e669.pdf>> Acesso em 11 jul. 2024.

Calligaris, Eliana dos Reis. **Prostituição: O eterno feminino**. São Paulo: Escuta, 2005.

Faria, Daniel. *O crime organizado entre a criminologia e a sociologia: Limites interpretativos, possibilidades heurísticas*. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 32, n. 3, 2020.

Ferrão, Ana Carolina Schmidt. “Nuances da representação da prostituição feminina: o êxtase do estereótipo em “contos da vida difícil””. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2017.

Goffman, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

Lombroso, Cesare; ferrero, Guglielmo. **A mulher delinquente a prostituta e a mulher normal**. Trad. Antônio Fontoura. Edição Antônio Fontoura. Curitiba: Antonio Fontoura, 2017.

Machado, Carla. **Pânico Moral: Para uma Revisão do Conceito**. Interacções: Sociedade e as Novas Modernidades, n. 7. pp. 60-80, Coimbra: out. 2004. Disponível em: <https://www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/125>

Acesso em 110 jul. 2024.

Perrot, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 3ª ed. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Silva, Fernanda Priscila Alves da. **Prostituição, vivências e mercantilização de corpos**. Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. Salvador, p. 1-14, set. 2011.

Fontes

A *Ação*, 25 out. Moda Feminina, 1942.

A *Ação*, 25 out. Normas da Santa Sé sobre moda feminina, 1942

A *Ação*, 19 set. Recato Feminino, 1943.

A *Ação*, 27 abr. Sem Endereço, 1947.

A *Ação*, 27 abr. Moralidade Pública, 1947.

A *Ação*, 23 set. O problema do meretrício, 1951.

Écos da Semana, CRIME, 15 ago., 1948.

Écos da semana, Escola de Prostituição. Crato, 23 jan. 1949.

A autora

Ravenna Rodrigues Cardoso

Universidade Federal do Ceará – UFC

Recebido em 04/2025 • Aprovado em 07/2025 • Publicado em 09/2025